



O EU *VERSUS* O OUTRO NOS COMENTÁRIOS DE FACEBOOK E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO INTOLERANTE

Maria Alcione Gonçalves da Costa¹

1 INTRODUÇÃO

A polarização política entre os brasileiros não é um tema recente e, desde a vitória de Dilma Rousseff na eleição presidencial de 2014, tem se intensificado de forma vertiginosa, sendo cada vez mais comum nos depararmos com discursos marcados pelo ódio e pela intolerância entre as pessoas que se encontram em posições políticas e ideológicas contrárias: os petralhas² (termo usado pelos internautas para denominar os defensores do PT) *versus* os coxinhas³ (termo utilizado para denominar os opositores do governo petista).

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo analisar o processo de (inter)subjetividade nos comentários publicados no *Facebook* sobre o processo de *impeachment* da presidente Dilma, observando como as imagens dos grupos opositores e defensores do impedimento da presidente são construídas nos discursos virtuais, a fim de evidenciar as formas de deslegitimação e exclusão do outro, por meio da linguagem. Para tanto, discorreremos sobre alguns conceitos-chave da teoria discursiva pecheutiana tais como sujeito, formação discursiva e imaginário, relacionando-os com a teoria dialógica bakhtiniana e com os estudos de Landowski (2002) sobre as relações de base entre o “nós” e o “outro”.

Como corroboramos com Pêcheux, a respeito da ideia de que os sentidos são construídos por sujeitos inseridos em condições sócio-históricas e ideológicas

¹ IFPE.

² O termo “Petralha” foi criado pelo jornalista Reinado Azevedo e é resultado da fusão de “petista” com “metralha”, dos irmãos metralhas (uma quadrilha de ladrões atrapalhados que compõem as Histórias em Quadrinhos do Tio Patinhas).

³ A origem do termo “coxinha” é desconhecida e seu sentido não é consensual, mas para os internautas o termo é sinônimo de almofadinha, riquinho, elitizado.

determinadas, discorreremos a seguir sobre o contexto sócio-político no qual se vem propagando os discursos de ódio e intolerância entre os “petralhas” e os “coxinhas”.

2 O CENÁRIO POLÍTICO PÓS-ELEIÇÃO PRESIDENCIAL 2014 E A POLARIZAÇÃO POLÍTICA ENTRE OS BRASILEIROS

As eleições presidenciais de 2014 foram uma das mais acirradas e tensas da história do Brasil, tanto que, quando o Supremo Tribunal Eleitoral divulgou a vitória de Dilma Rousseff (PT), com 51,64% dos votos válidos, partidários do candidato de oposição Aécio Neves (PSDB) já entoaram gritos de “*impeachment*” na Avenida Paulista e, desde então, opositores do governo disseminaram ofensas contra o PT e seus eleitores nas redes sociais, as quais foram imediatamente revidadas pelos eleitores e defensores de Dilma. O muro havia sido erigido, dividindo o Brasil em dois grupos: petralhas X coxinhas⁴.

Ainda não se tem estudos consistentes sobre os reais fatores que têm contribuído para o aumento dessa polarização política entre os brasileiros (alguns críticos atribuem isso ao modo de fazer política do Partido dos Trabalhadores (PT), por acreditarem que o PT propagou discursos que alimentaram a crença na divisão do povo brasileiro em dois grupos: ricos *versus* pobres, patrões *versus* empregados; enquanto outros culpabilizam a grande mídia pela seletividade e manipulação dos fatos noticiados). O fato é que os constantes escândalos de corrupção desencadeados pela operação Lava Jato⁵, desde o ano de 2014, juntamente com o agravamento da crise econômica e com o desenrolar do processo de *Impeachment* da presidente Dilma Rousseff têm potencializado essa polarização, gerando um ambiente de hostilidade entre a maioria dos brasileiros, especialmente, nos debates promovidos nas redes sociais.

O processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em especial, tem fortificado a muralha entre “coxinhas” e “petralhas”, pois a interpretação desse fato

⁴ Os termos “coxinhas” e “petralhas” são utilizados pelos comentaristas das redes sociais em tom pejorativo, por esse motivo, muitos defensores do *impeachment* não se consideram “coxinhas”, assim como os opositores do *impeachment* não se denominam “petralhas” nem mesmo petistas.

⁵ A operação Lava Jato é, até o momento, a maior investigação sobre corrupção no Brasil. Ela teve início em março de 2014 e tem revelado um enorme esquema de corrupção na Petrobrás, envolvendo políticos de diversos partidos e as principais empreiteiras do país.

político não é nada consensual: enquanto os “coxinhas” clamam pelo *impeachment* em nome da justiça, por concordarem com a peça da acusação que aponta os crimes de responsabilidade fiscal e atos contra a lei orçamentária cometidos pela presidente, os “petralhas” ecoam o “não vai ter golpe” em nome da democracia, por acreditarem que o processo não tem base legal e é motivado por interesses políticos da oposição inconformada com a derrota nas urnas.

Em meio a esse cenário de confronto político e ideológico, ofensas, e xingamentos são compartilhados nas redes sociais pelos membros dos dois grupos em proporções inimagináveis, despertando nossa atenção para as formas de construção do discurso intolerante, através do qual os sujeitos buscam reafirmar seus pontos de vista em detrimento da deslegitimação do outro. Assim, apresentaremos, no próximo tópico, alguns conceitos desenvolvidos por Pêcheux (2009) que serão fundamentais para nossa investigação.

3 A IDEOLOGIA COMO FATOR CONSTITUTIVO DOS SENTIDOS E DO SUJEITO DO DISCURSO

Na Análise do Discurso pecheutiana, a ideologia é considerada um fator constitutivo do sentido e do próprio sujeito do discurso, uma vez que, segundo Pêcheux (2009, p. 145), a ideologia “*produz* o sujeito no lugar deixado vazio”, assim como fornece as evidências que fazem com que as palavras e os enunciados signifiquem uma coisa e não outra, sendo importante ressaltar que tanto a evidência do sentido quanto a evidência do sujeito são produzidas pelo “complexo das formações ideológicas” com as quais os sujeitos se identificam. Isso significa dizer que os sentidos e o sujeito do discurso não têm origem em si mesmo, mas são efeitos ideológicos.

Segundo Freda Indusky (2008), o sujeito, na concepção pecheutiana, além de ser interpelado pela ideologia, é atravessado pelo inconsciente, uma vez que:

[...] o sujeito, assim constituído, é um sujeito *histórico, ideológico*, mas ignora que o é, pois é igualmente afetado, em sua constituição, pelo inconsciente. Ou seja: o sujeito é interpelado ideologicamente, mas não sabe disso e suas práticas discursivas se instauram sob a ilusão de que ele é a origem de seu dizer e domina perfeitamente o que tem a dizer. (INDUSKY, 2008 p. 11).

A partir dessa compreensão de que o sujeito é interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente, Pêcheux (2009) introduz a noção de Formação Discursiva (doravante FD) que, segundo Indusky (2008, p. 11), pode ser entendida como “um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos, que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando ‘o que pode e deve ser dito’”, sendo importante ressaltar que, segundo Pêcheux (2009), as FD são constitutivamente heterogêneas, por abrigar a contradição em seu interior, assim como como possuem fronteiras porosas que permitem o deslizamento de sentidos.

Nesse sentido, podemos dizer que as FD materializam a ideologia e acabam cristalizando determinados sentidos e silenciando outros. Ademais, segundo Pêcheux (2009, p. 147), “as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas”, o que implica dizer que uma mesma palavra pode assumir sentidos diferentes e, até mesmo, antagônicos, dependendo da posição ideológica do sujeito do discurso. Fato este que será retomado em nossas análises, uma vez que a palavra “golpe”, por exemplo, é usada pelos comentaristas favoráveis e contrários ao *impeachment* com sentidos distintos. Sentidos estes que, como veremos, são determinados pelo interdiscurso, ou seja, pelos saberes construídos e cristalizados no interior das respectivas Formações Discursivas (FD pró *impeachment* e FD contrária ao *impeachment*).

Com base nisso, Pêcheux conclui que:

O funcionamento da ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas. (2009, p. 149).

Posto isso, o filósofo francês acrescenta que os elementos do interdiscurso, que são constitutivos do sujeito e que também abrigam em seu interior a contradição, são reinscritos no discurso do próprio sujeito, sob a ilusão de autonomia, o que implica dizer que toda FD dissimula, na transparência do sentido, o assujeitamento, ou seja, o fato de que “algo fala sempre antes em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, 2009, p. 149). Essa retomada do interdiscurso no intradiscurso aciona

outro conceito fundamental para a Análise do Discurso, que é o de memória discursiva.

Em linhas gerais, a noção de memória discursiva pode ser entendida como um conjunto de saberes que são recortados do interdiscurso de uma dada FD e que, por meio de sua repetibilidade, promove a regularização de determinados sentidos. Nesse sentido, Indusky (2011, p. 71) afirma que:

Se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. São os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados.

Dessa forma, podemos dizer que a repetibilidade, além de promover a cristalização de determinados sentidos e, conseqüentemente, o apagamento de outros, também é responsável pela construção do imaginário social sobre os sujeitos e sobre os eventos/acontecimentos do mundo no interior de cada FD. A respeito do funcionamento do imaginário, Orlandi (2015, p. 38) afirma que “esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica”, o que significa dizer que a imagem que projetamos do sujeito do discurso e dos eventos/acontecimentos do mundo que nos cerca é puro efeito ideológico.

No entanto, é importante destacar que a repetição, enquanto mecanismo discursivo, não promove apenas a regularização dos sentidos, visto que, segundo Indusky (2011, p. 71), “a repetição também pode levar a um deslizamento, a uma ressignificação, a uma quebra do regime de regularização de sentidos”. Ainda segundo a autora, essa movência dos sentidos no interior de um FD ou entre FD diferentes é possível de acontecer, devido justamente ao fato de que sujeito do discurso pode assumir diferentes posições-sujeito diante dos saberes que são regularizados no interior da FD.

Em nossas análises, veremos que tanto os sujeitos-comentaristas da FD pró-*impeachment* como os sujeitos-comentaristas da FD contrária ao *impeachment*, em seus discursos, dão visibilidade a determinados fatos políticos em detrimento de outros, assim como repetem determinados sentidos cristalizados no interior de suas

respectivas FD e, dessa forma, acabam construindo memórias discursivas distintas sobre o *impeachment* e construindo um imaginário social de si e de seus opositores ideológicos, com vistas a sua deslegitimação e negação, caracterizando, assim, o discurso intolerante. Ademais, veremos também que alguns sentidos deslizam de uma FD para outra e, nesse movimento, acabam se ressignificando, o que corrobora a ideia de que “a memória nos quais os enunciados de origem foram gestados vai se reconfigurando no contato/confronto com outras memórias, produzindo tanto a cristalização quanto o deslocamento dos sentidos” (GRIOLETTO; NARDI, 2015, p. 38).

4 A INTERSUBJETIVIDADE E O DIALOGISMO COMO PRINCÍPIOS CONSTITUTIVOS DA RELAÇÃO COM A ALTERIDADE

Em linhas gerais, a intersubjetividade em Bakhtin é compreendida como a relação dialógica entre o *eu* e o *outro* no processo de constituição do sujeito, sendo que, para o filósofo russo, o sujeito é concebido como um evento inacabado e de natureza social que se constitui através do reconhecimento do outro, o que significa dizer que o processo de compreensão de si mesmo não é um ato individual nem interno, mas requer sempre a alteridade.

Segundo Clark (2004), o problema das relações entre o *eu* e o *outro* ganhou destaque na obra de Bakhtin ao longo dos anos, especialmente, em uma série de textos incompletos que, segundo a autora, representam uma tentativa de compor um livro cujo título não foi atribuído pelo filósofo, mas foi denominado por ela como “A Arquitetônica da Responsabilidade”. Nesses escritos, de acordo com a autora, Bakhtin concebe a nossa existência como um acontecimento que está sempre mudando em decorrência da existência de outros sujeitos, com os quais estabelecemos contínuas relações dialógicas. Nesse sentido, Clark (2004, p. 91) afirma que “Bakhtin concebe a outridade como o fundamento de toda a existência e o diálogo como a estrutura primacial de qualquer existência particular, representando uma constante troca entre o que já é e o que não é ainda”.

Assim sendo, percebemos que a alteridade em Bakhtin é concebida como sendo de natureza essencialmente dialógica, ou seja, trata-se de um elo constitutivo entre o *eu* e o *outro*. Para o filósofo russo, de acordo com Clark, o sujeito necessita do

excedente de visão do outro para compreender a si mesmo, já que cada sujeito vê o mundo a partir do lugar único que ocupa. Em outras palavras, podemos dizer que cada sujeito possui uma forma única de compreender o evento do ser, e de atribuir sentidos aos eventos do mundo, por isso a relevância de se estabelecer um relacionamento de alteridade, a partir do qual podemos buscar, no outro, novos sentidos para a nossa existência e para os acontecimentos do mundo em que vivemos. A questão é que nem sempre a relação com a alteridade se dá de forma pacífica, conforme veremos em nossas análises, isso se deve ao fato de que, muitas vezes, as diferenças do outro se tornam barreiras intransponíveis, devido ao preconceito e à intolerância. Desse modo, percebemos que a alteridade, de fato, contribui para o processo de reconhecimento de nós mesmos e do “outro”, mas também pode servir para a exclusão desse “outro”.

5 OS TIPOS DE RELAÇÃO ENTRE O “NÓS” E O “OUTRO” NA PROPOSTA DE E. LANDDOWSKI

Como todo semioticista, E. Landowski (2002), em suas reflexões sobre a presença do outro no discurso, parte do pressuposto de que os signos assim como os sujeitos se constituem a partir das diferenças, revelando, pois, uma proximidade teórica com Bakhtin que, como vimos, defende a ideia de que o sujeito se constitui por meio da alteridade.

A respeito da relação entre o “nós” e o “outro”, Landowski afirma que:

[...] o que dá forma à minha identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo, é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a alteridade do outro atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. (LANDOWSKI, 2002, p. 4).

Nesse sentido, percebemos que, para o autor, nós construímos a imagem de nós mesmos a partir do olhar do outro sobre nós, assim como a partir da imagem do outro em nós, a qual revela o que não somos ou o que acreditamos não ser. No entanto, segundo Landowski, os discursos e práticas identitárias (aqui entendidos como os discursos de classe, de gênero, de etnia, etc.) têm gerado crises de alteridade na relação entre grupos sociais, uma vez que o “nós” tem tratado o “outro”, o “dessemelhante” como uma exterioridade ameaçadora. Diante disso, Landowski apresenta quatro tipos possíveis de relação entre o “nós” e o “outro”, os

quais são denominados por ele como: assimilação, exclusão, segregação e admissão.

Para o autor, as duas primeiras relações carregam em sua base o preconceito, visto que em ambas o outro é negado, ou seja, há uma busca e um desejo em deslegitimar a alteridade. A diferença entre elas se deve ao fato de que, no discurso de assimilação, o “nós” vai em auxílio do “outro”, ajudando-o a livrar-se daquilo que o torna diferente, para que, assim, ele possa conviver pacificamente com o “nós”; enquanto isso, no discurso de exclusão, que é marcadamente passional, o “nós” nega o outro, excluindo-o do convívio. Nesse sentido, podemos concluir que o discurso de assimilação promove a padronização, enquanto que o discurso de exclusão visa à eliminação do “outro”.

Em contrapartida, as relações de segregação e admissão, segundo Landowisk, problematizam a alteridade, que é concebida como elemento constitutivo do “nós”. Em ambas as relações, as fronteiras entre o “nós” e o “outro” não são vistas como de ordem natural, mas como efeito do ponto de vista que se adota. Mas em que consiste a distinção entre tais relações?

Para Landowski, a segregação é uma relação ambivalente entre a impossibilidade de assimilar o “outro” e a recusa de excluí-lo por completo, ou seja, mantêm-se as diferenças sem misturá-las. Ainda, segundo o autor, na segregação, há uma relação de conjunção anterior com o “outro”, a qual vai se desfazendo, sem que haja a exclusão absoluta. Por sua vez, na admissão, há uma relação intersubjetiva entre o “nós” e o “outro”, na qual se reconhece a alteridade e convive-se com ela de forma pacífica, o que implica dizer que há um gesto de abertura, de aceitação, de amor com o outro. A respeito desse último tipo de relação, Landowski afirma que é preciso resistir mutuamente um ao outro, preservando uma “reserva de si”, para que não se renuncie à própria identidade, assim como é necessário resistir ao desejo de uma “posse total” do outro, negando-lhe o que o torna “outro”.

Como nosso objetivo é analisar a construção do discurso intolerante entre os grupos, nossa atenção recairá em especial sobre o segundo tipo de relação proposto por Landowski: a relação de exclusão, já que a hostilidade e a negação do

outro estão muito presentes nos comentários que servem de corpus para nosso trabalho. Nos discursos pró *impeachment*, por exemplo, é recorrente os “coxinhas” mandarem os “petralhas” irem para Cuba, revelando que há um desejo de eliminar o outro do convívio social; assim como é comum, nos discursos contra *impeachment*, os “petralhas” se referirem a seus opositores ideológicos como a “tribo da CBF”, revelando-nos que não há o reconhecimento do outro/opositor político-ideológico como sendo parte constitutiva da identidade nacional brasileira. Posto isso, apresentaremos a seguir a análise de nosso corpus, identificando, nos comentários virtuais, as relações de (inter)subjetividade entre os sujeitos-comentaristas.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

O nosso corpus é composto por comentários virtuais publicados em postagens relacionadas ao processo de *impeachment* de Dilma Rousseff e compartilhadas na página do *Facebook* do Pragmatismo Político, que apresenta um posicionamento pró-governo petista. Nossa escolha por esse ambiente virtual se deve ao fato de que, após a abertura do processo de *impeachment* contra a presidente, ele ganhou uma considerável visibilidade no ciberespaço decorrente da grande quantidade de compartilhamentos, curtidas e publicações de comentários em suas postagens. Ademais, a página não tem política de moderação, o que torna o espaço mais democrático, pois possibilita a livre interação entre os internautas sejam eles defensores ou opositores ao governo.

Como nosso objetivo central é analisar o processo de (inter)subjetividade nos comentários publicados no *Facebook* sobre o processo de *impeachment* da presidente Dilma, observando como as imagens dos grupos opositores e defensores do impedimento da presidente são construídas nos discursos virtuais, a fim de evidenciar as formas de deslegitimação e exclusão do outro, por meio da linguagem. selecionamos nosso corpus com base nos seguintes questionamentos:

- 1- Que imagem os comentaristas têm de si e das pessoas que se encontram na mesma posição político-ideológica?
- 2 - Que imagem os comentaristas têm dos sujeitos que se encontram em posição político-ideológica contrária?
- 3 - Como os comentaristas se relacionam com a alteridade?

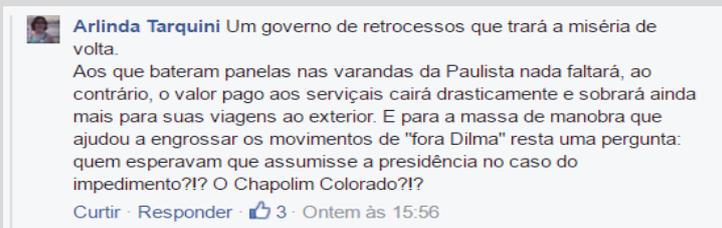
Com base nisso, realizaremos nossas análises, observando a relação de (inter)subjetividade entre os sujeitos-comentaristas e seus interlocutores.

6.1 O IMAGINÁRIO DOS SUJEITOS PRÓ E CONTRA *IMPEACHMENT* NOS COMENTÁRIOS VIRTUAIS

Conforme vimos em Pêcheux (2011), o imaginário que se constrói a respeito dos sujeitos do discurso é reflexo da FD com a qual os sujeitos se identificam, logo, é um efeito ideológico. Além disso, percebemos que a construção desse imaginário se dá por meio da repetibilidade discursiva, a qual acaba por cristalizar determinados sentidos, construindo a memória coletiva dos fatos e o imaginário dos sujeitos do discurso.

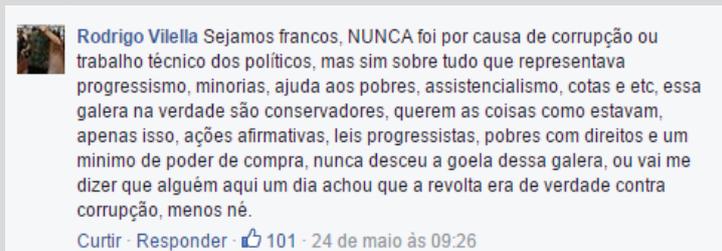
Ao observarmos a forma como os grupos pró e contra o *impeachment* constroem a imagem de si e do “outro”, percebemos a existência de uma divisão de classes real ou imaginária entre os ricos/privilegiados (FD do *impeachment*) de um lado, e os pobres/excluídos (FD do golpe) do outro. Essa divisão (real ou suposta) pode ser identificada em grande parte dos comentários analisados, nos quais podemos perceber que os brasileiros contrários ao *impeachment*, geralmente, consideram seus opositores como conservadores, aristocratas e pertencentes à classe média/alta ou como os pobres midiaticizados que foram usados como massa de manobra pela grande mídia, conforme podemos ver nos comentários a seguir:

Comentário I:



Arlinda Tarquini Um governo de retrocessos que trará a miséria de volta.
Aos que bateram panelas nas varandas da Paulista nada faltará, ao contrário, o valor pago aos serviços cairá drasticamente e sobrá ainda mais para suas viagens ao exterior. E para a massa de manobra que ajudou a engrossar os movimentos de "fora Dilma" resta uma pergunta: quem esperavam que assumisse a presidência no caso do impedimento?!? O Chapolim Colorado?!?
Curtir · Responder · 3 · Ontem às 15:56

Comentário II:



Rodrigo Vilella Sejamos francos, NUNCA foi por causa de corrupção ou trabalho técnico dos políticos, mas sim sobre tudo que representava progressismo, minorias, ajuda aos pobres, assistencialismo, cotas e etc, essa galera na verdade são conservadores, querem as coisas como estavam, apenas isso, ações afirmativas, leis progressistas, pobres com direitos e um mínimo de poder de compra, nunca desceu a goela dessa galera, ou vai me dizer que alguém aqui um dia achou que a revolta era de verdade contra corrupção, menos né.
Curtir · Responder · 101 · 24 de maio às 09:26

Comentário III:

 **Celso Viana** Haja cú para enfiar as panelas bandeiras verde amarela, carros de som, bonecos gigantes...
Desde o começo das "manifestações" eu disse : massa de manobra da elite podre e mídia manipuladora!
Acéfalo é assim, age obedecendo comando da elite, e quando esta atinge seus objetivos e se recolhe, os midiotas se recolhe na sua ignorância a espera de novas convocações ...
Cambada de FDP !
Curtir · Responder ·  1 · 7 de julho às 10:50

Comentário IV:

 **Gilberto Rui Pinto** Tribo da CBF ...dos hipócritas ..
Curtir · Responder ·  3 · 5 de julho às 20:07

Comentário V:

 **Rosana Andrade** Que dó. Não querem roubar, só querem explorar a classe trabalhista para os manter como "sempre foi".
Curtir · Responder ·  9 · 20 de julho às 16:23

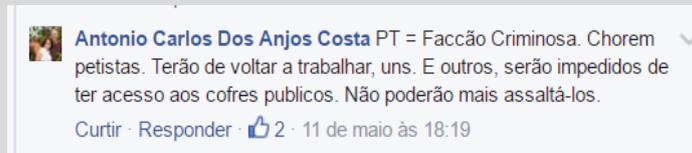
Ao analisarmos os comentários acima, percebemos claramente que, na FD do golpe, existe um duplo imaginário a respeito dos defensores do *impeachment*: de um lado, estes são denominados como a elite soberba e manipuladora, “a tribo da CBF”, a galera que só pensa em si própria, que explora o pobre trabalhador, que usa o verde e amarelo e não tem consciência nacional, sendo, pois, hipócrita; por outro lado, o outro/dessemelhante é concebido como o pobre “midiotas”, usado como massa de manobra pela elite e pela grande mídia.

Ainda segundo os comentaristas da FD do golpe, o fato de pertencerem à elite e de estarem incomodados com a ascensão social dos pobres, é o motivo que tem levado os “coxinhas” a apoiarem o “golpe”, uma vez que o presidente interino, Michel Temer (PMDB) e os que apoiam o “golpe” estão a serviço dos interesses dos ricos, o que levará o país a um retrocesso, com perdas de direitos e conquistas garantidas aos menos favorecidos no governo do PT. Nesse sentido, percebemos que os sujeitos-comentaristas referidos acima acreditam que não pertencem à elite nem fazem parte do povão “midiotizado”. Eis o discurso do pobre discriminado, excluído e explorado contra a elite privilegiada e usurpadora. Discurso este que é uma tônica nos discursos políticos do ex-presidente Lula.

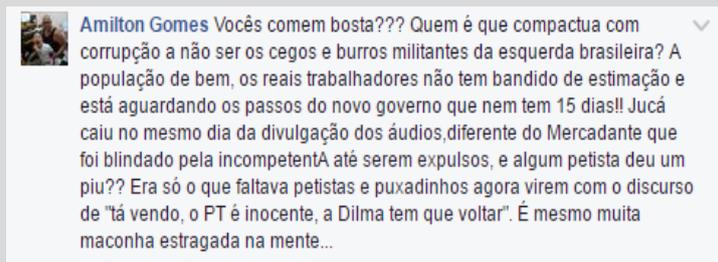
Em contrapartida, os sujeitos-comentaristas pertencentes à FD do *impeachment* projetam a imagem de seus adversários políticos com as seguintes configurações:

de um lado, tem-se os petistas ladrões/corruptos que vivem “mamando nas tetas do governo” e, do outro, tem-se os petistas pobres, desinformados, ignorantes e vagabundos que vivem às custas dos programas sociais, sendo, pois, manipulados pela política assistencialista do PT, o que justifica o fato de ainda defenderem um governo corrupto e incompetente que, segundo eles, ganhou as eleições devido a uma fraude eleitoral, enganando seus eleitores com promessas impossíveis de serem realizadas e maquiando a real situação econômica do país, conforme podemos ver nos comentários a seguir:

Comentário VI:

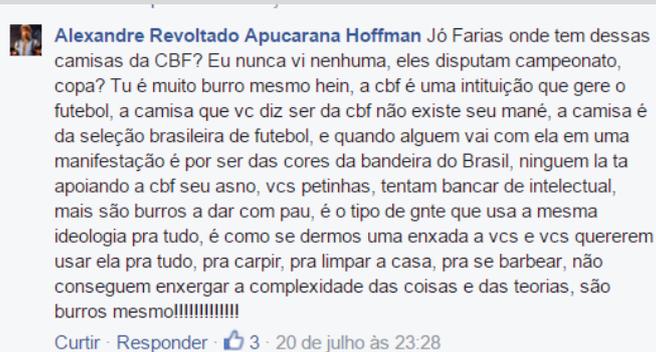


Comentário VII:



Comentário VIII:



Comentário IX:

Nesse sentido, percebemos a existência do discurso da elite intelectual, da “população de bem”, dos “reais trabalhadores” que sustentam o país contra o pobre analfabeto e despolitizado que não “consegue enxergar a complexidade das coisas e das teorias” e que, por isso, é facilmente manipulado pelo assistencialismo do PT. Com isso, percebemos que, nos discursos intolerantes, a relação entre o “nós” e o “outro” é construída por meio da recusa da diferença, uma vez que a imagem que se constrói do “outro” tem como foco a sua deslegitimação: os sujeitos-comentaristas pró-*impeachment* constroem o imaginário do “petralha” como sendo ladrão, vagabundo e ignorante a fim de invalidar a tese de que o *impeachment* é golpe; assim como os sujeitos-comentaristas contrários ao *impeachment* constroem a imagem do “cozinha”, como sendo conservador, golpista e elitizado, a fim de deslegitimar o próprio processo de *impeachment*, que passaria a ser uma ação golpista da elite conservadora.

A seguir apresentaremos com mais detalhes a forma como os sujeitos do discurso pró e contra o processo de *impeachment* estão construindo a memória discursiva desse evento político.

6.2 A CRISE DA ALTERIDADE E A INTOLERÂNCIA POLÍTICA

A intersubjetividade, como vimos em Bakhtin, diz respeito à relação dialógica entre o “eu” e o “outro” no processo de constituição do sujeito, o que implica dizer que, para o filósofo russo, a alteridade é constitutiva do sujeito. No entanto, essa relação do “eu” com a alteridade nem sempre se dá de forma pacífica, já que, segundo Landowski (2002), muitas vezes o “nós” não aceita as diferenças do “outro”, agindo de forma preconceituosa e excludente.

O cenário político brasileiro tem revelado de forma contundente a tensão do relacionamento com o outro, uma vez que os grupos pró e contra o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff têm protagonizado episódios lamentáveis de ódio, preconceito, intolerância e até mesmo de agressão tanto nos ambientes virtuais quanto nos espaços sociais. Na verdade, o que notamos é que existem dois grupos digladiando uns contra os outros, em busca de uma “legitimação” de si e de seus pontos de vistas em detrimento da negação e, conseqüentemente, da exclusão do outro. E, em meio a esse embate ideológico, emerge uma série de discursos intolerantes, carregados de ódio, preconceito e de incitação à violência contra o “outro”, conforme podemos conferir nos comentários a seguir:

Comentário X:

 **Vitor Sivinski** Domingo o povo que é contra o golpe vai todos para as ruas em todo o Brasil....é bom coxinha , golpista safado nem chegar perto...porque o Bixo vai pegar...

Comentário XI:

 **Rodrigo Karas** Estes comunistas não tem argumentação ! Não admitem o que o PT fez com o Brasil ! Isso é lavagem cerebral ou safadeza mesmo !

Vão pra Cuba ! Cambada de ladrao

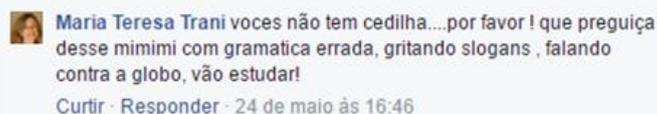
Curtir · Responder · 17 de abril às 00:59

Comentário XII:

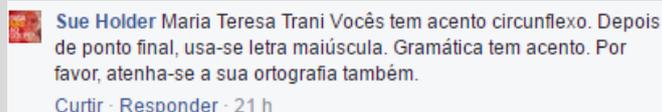
 **Ana Ribeiro** Cuspir na cara, cagar, vomitar ainda é pouco. Tem que quebrar todos os dentes, pegar um pedaço de pau e enfiar no ânus desses golpistas.

Curtir · Responder ·  1 · 23 de junho às 20:35

É notório nos comentários acima que o outro é totalmente negado, anulado e excluído, visto que os comentaristas, além de revelarem a recusa em conviver com seu dessemelhante (comentário X e XI), incitam a violência física de forma extremamente radical (comentário XII). Ademais, percebemos que, nos discursos de intolerância, emergem preconceitos antigos enraizados em nossa cultura como o preconceito linguístico, por exemplo, o qual recorrentemente é utilizado pelos comentaristas para agredir e diminuir o outro, conforme podemos ver nos comentários a seguir:

Comentário XIII:

Maria Teresa Trani vocês não tem cedilha....por favor ! que preguiça desse mimimi com gramatica errada, gritando slogans , falando contra a globo, vão estudar!
Curtir · Responder · 24 de maio às 16:46

Comentário XIV:

Sue Holder Maria Teresa Trani Vocês tem acento circunflexo. Depois de ponto final, usa-se letra maiúscula. Gramática tem acento. Por favor, atenha-se a sua ortografia também.
Curtir · Responder · 21 h

Na interação acima, fica evidente que as duas comentaristas, que se encontram em posição político-ideológica contrária, buscam deslegitimar o “outro”, expondo os “erros” gramaticais cometidos por seus opositores. Na verdade, ambas agem com preconceito linguístico, por desvalorizem os usos da língua que não condizem com a dita “norma padrão”. Dessa forma, percebemos que, quando não aceitamos a alteridade, quando não construímos uma relação de respeito e de afeto com nossos dessemelhantes, acabamos agindo de forma preconceituosa, intolerante e até mesmo violenta.

7 CONCLUSÃO

Infelizmente a polarização política, nos últimos tempos, tem ganhado maior proporção e visibilidade entre os brasileiros, sendo o processo de *impeachment* um dos fatores responsáveis pelo aumento do clima de conflito entre os grupos pró e contra o governo. A individualidade tem se sobreposto à alteridade, o que significa dizer que as pessoas não se reconhecem no “outro” e, pior, não reconhecem nem aceitam o “outro”.

Em meio a esse cenário de hostilidade, percebemos que a polarização política é apenas consequência de uma polarização mais profunda que têm servido de alicerce para a constituição do povo brasileiro. As pessoas estão cada vez mais deixando de conviver em espaços públicos, isolando-se em seus mundos particulares e, em decorrência disso, não têm exercido o diálogo com a alteridade. Com isso, os discursos “nós” contra “eles” ganham cada vez mais força, especialmente, em situações de embates políticos e ideológicos.

Portanto, fica evidente a necessidade e urgência de se reestabelecer a relação de intersubjetividade entre “coxinhas” e “petralhas”, a partir da qual as pessoas possam reconhecer e aceitar as diferenças do outro, sejam elas socioeconômicas, políticas, linguísticas ou ideológicas. Além do mais não podemos nos esquecer de que é a partir do reconhecimento da alteridade que podemos nos conhecer melhor, assim como podemos compreender os eventos do mundo de forma mais global, uma vez que ao estabelecermos o diálogo com o outro, podemos ter acesso ao excedente de visão desse outro e retornarmos ao nosso lugar único, ampliando nossa percepção do mundo, do outro e do mundo que nos cercam.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CLARK, Katerina. **Mikhail Bakhtin**. Trad. De J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- EMERSON, Carly; MORSON, Gary Saul. **Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística**. Trad. de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- INDUSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In INDUSKY F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTIMANN, S. (Org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.
- _____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In. CAZARIN, E. A.; GRIGOLETTO, E.; MITTIMAN, S. (Org.). **Práticas Discursiva e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova prova, 2008.
- LANDOWSKI, E. **Presenças do outro: ensaios de sociossemiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2002.
- MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. de Sheila Camargo. São Paulo: Contexto, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.